



## Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

# “CORPOS DESCENDO A PAISSANDU”: Corpos produzidos no contexto da prostituição no Centro de Teresina-PI “BODIES DOWN THE PAISSANDU”: Bodies produced in the context of prostitution in the Center of Teresina-PI

Marcos Paulo Magalhães de Figueiredo<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir é fruto de uma pesquisa realizada na confecção de uma monografia. Este teve como objeto de investigação a maneira como garotas de programa inseridas na região centro sul de Teresina-PI produzem e constroem seus corpos para o trabalho na prostituição. A pesquisa buscou perceber as motivações e a lógica incrustada na forma como garotas de programa moldam e produzem seus corpos para o trabalho na prostituição.

A pesquisa visa verificar a produção corporal entre garotas de programa em Teresina, aonde esses corpos estão inseridos na prostituição. O corpo de uma mulher inserido na prostituição seria aquele aonde o indivíduo é maior de dezoito anos e possui autonomia sobre seu trabalho na prostituição. Ao contrário, o corpo prostituído seria aquele aonde o indivíduo é vítima de tráfico e/ou exploração sexual com seus ganhos estando restritos a lucratividade de cafetens ou aliciadores (PISCITELLI, [2005] 2013; MORAES, 2014).

---

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí; Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí – PPGANT-UFPI



## **Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG**

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

O corpo enquanto área de estudo nas ciências sociais surgiu primeiramente com os estudos de Marcel Mauss (2017) aonde o autor comparava as diferentes técnicas e usos do corpo em diferentes culturas. As técnicas corporais usadas para repouso ou descanso, alimentação, caminhar e da sexualidade são constructos socio culturais morosamente naturalizadas pelos sujeitos. O trabalho consiste em uma sociologia do corpo, aonde este enquanto objeto será o principal enfoque da pesquisa (LE BRETON, 2006).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e etnográfica com a inserção durante sete dias em ruas e boates<sup>2</sup> no Centro de Teresina. O uso da etnografia a partir das teorias de Malinowski (1979) e Geertz (2008) deve-se a oportunidade de partilha do cotidiano entre o pesquisador e as entrevistadas. A ferramenta etnográfica possibilitou, o exercício de interpretação e resgate da logica incrustada das entrevistadas com a forma de lidar com seus corpos.

A entrada no campo foi a partir da interlocução com a APROSPI (Associação de Prostitutas do Piauí), uma organização que realiza testagens de doenças sexualmente transmissíveis; palestras e atividades para garotas de programa no estado do Piauí. A intermediação da APROSPI foi essencial para a pesquisa, visto a estigmatização atribuída a garotas de programa o que gera uma dificuldade na execução de entrevistas. Foram realizadas cinco entrevistas semiestruturadas. A vantagem desse uso de entrevista é sua composição de perguntas que norteiam o tema a ser discutido, mas ainda permite abertura para tratar sobre outros assuntos que surgirem espontaneamente no decorrer da conversa (BEAUD E WEBER, 2014).

---

<sup>2</sup> O uso da expressão “boates” é uma categoria nativa. O uso da palavra cabaré remonta a violência, tráfico de drogas e banditismo nas falas escutadas em campo. O local, definido pela dona anteriormente era um “cabaré” por que era dotado das características citadas acima. Depois de sua entrada virou uma boate.



## Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

É necessário frisar o recorte de gênero, raça e classe empregado na pesquisa. A monografia ocorreu com garotas de programa *cis* gênero; ou seja, mulheres cujos corpos estão em “sintonia” com o discurso hegemônico sobre seu gênero. Das cinco entrevistadas, uma era negra, três eram pardas e uma era branca. A média dos proventos adquiridos na prostituição variou entre cinco a doze mil reais por mês na prostituição de acordo com a fala das garotas. Mas todas elas ressaltavam a variabilidade desses ganhos entre os meses.

As garotas de programa entrevistadas estavam inseridas no entorno da Rua Paissandu, na região Centro-Sul de Teresina. Sá Filho (2006) em seu estudo sobre a vida boêmia de Teresina entre a década de 1930 e 1970 a região Paissandu é apontada como o cinturão de prostíbulos em Teresina. A capital expandiu-se economicamente nesse período impulsionado pelo comércio e pelas embarcações que ancoravam no Rio Parnaíba ocasionando o crescimento comercial na região. Para Sá Filho (2006):

Contrariando a abordagem hierarquizante da cidade a partir do centro como lugar de licitudes e disciplinas e as margens como lugar de transgressões e relações ilícitas, a Paissandu se constituiu como a mais tradicional zona boêmia e de prostituição em Teresina sem estar fora do perímetro urbano, mas dentro dele. Fisicamente foi traçada como uma das vias de acesso para a parte mais central da cidade, partindo da margem do rio Parnaíba, com o nome de Rua do Pequizeiro,<sup>26</sup> e posteriormente recebendo a denominação de Paissandu. Com as ruas adjacentes, constitui-se na zona, de modo que a palavra Paissandu passou a significar não somente um nome de rua, mas o de baixo meretrício, local de prostituição. A partir dessa significação, no cotidiano da cidade, inventou-se a expressão “descer a Paissandu”, que quando usado referindo-se a alguma mulher, não significava deslocar-se aquela via pública, mas tornar-se prostituta. (SÁ FILHO, p 56).

O entorno da Paissandu ainda mantém uma gama de bordeis destinados a indivíduos da classe alta, média e baixa, compondo assim a zona boêmia teresinense. Na contemporaneidade a principal diferença das décadas de 30 a 70 é o fato de que garotas de programa e os boêmios não mais esperam apenas o cair da noite para



## Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

aparecerem. Garotas de programa e seus clientes circulam no período diurno mesclando-se com o cotidiano de pessoas que podem estar ali procurando ou não serviços sexuais ofertados na região. (PASINI, 2005; SÁ FILHO, 2006).

### RESULTADOS E DISCUSSÕES

A prostituição é um dos serviços relacionados ao erotismo e ao prazer passíveis de serem contratados e vendidos. É possível encontrar inúmeras produtoras de conteúdos ligados A pornografia, *cam-girls* que trabalham dançando na internet ou pessoas que trabalham fazendo strip-tease em clubes noturnos. Contudo todos os serviços elencados são confundidos com a prática da prostituição, sendo divergentes um do outro. Deve-se ter cautela em não confundir exploração sexual com prostituição. A ideia de exploração sexual é entendida como prostituição forçada, geralmente ligada ao trabalho sexual escravo e tráfico de pessoas e/ou quando a maior parte dos seus ganhos acaba ficando nas mãos dos cafetões e cafetinas ou existe uma alta cobrança de taxas para as mesmas se manterem nas casas de prostituição. (PISCITELLI, 2005, 2013; RAGO, 2011, 2014).

Torna-se difícil falar da prostituição como uma unicidade. A atividade adquire diferentes desenhos variando de garotas universitárias a senhoras idosas; de garotas de classe média alta a garotas que se prostituem para suprir necessidades básicas. A prostituição naturalizada como *mal necessário* ou a *profissão mais antiga do mundo* deve ser pensada além desse discurso generalista, mas sim analisada como um fenômeno construído social e historicamente. (RAGO, 2011, 2014).

A prostituição feminina caracteriza-se como atividade aonde a garota vende serviços sexuais, sobretudo o próprio ato sexual em si mediante um valor previamente combinado com o cliente. O corpo não é visto como um objeto que será vendido, mas sim como uma ferramenta aonde mulheres inseridas na prostituição aprendem e fazem



## **Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG**

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPa), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

o uso de seus corpos para a realização do trabalho sexual (PASINI, 2005; PISCITELLI, 2013). A prostituição é articulada com o surgimento da família patriarcal e da propriedade privada e ao surgimento do Estado (Instituição necessária para regular a vida social permeada por antagonismos indissolúveis). Ao considerarmos esta articulação deve-se ressaltar que os elementos aparecem como um complexo reinscrevendo a maneira com que homens e mulheres produzam vida (ALBUQUERQUE, 2008).

Mas de que corpo estamos falando, quando pensamos a prostituição na Rua Paissandu? O corpo é visto de forma distinta dependendo do contexto cultural e temporal.

Com o avanço das ciências biomédicas e da individualização da sociedade o corpo na cultura ocidental passa a ser visto como o interruptor da ligação do corpo do indivíduo com a coletividade. O corpo é visto como posse, algo que pertence ao sujeito. Esse saber biomédico que lentamente anatomizou o corpo mantém-se presente ainda hoje. David Le Breton (2016) realiza uma antropologia cosmológica e delinea a passagem do corpo popular para o corpo individual no ocidente. O corpo popular, carnavalesco é aquele transgressor que goza livremente dos prazeres e libera suas pulsões quase que totalmente despudorada e pública. Essa concepção choca-se diretamente com o corpo moderno, um corpo áspero, limpo, moral e privado.

A garota de programa não vende seu próprio corpo, mas sim o ato sexual. O corpo inserido na prostituição é de posse da garota de programa. O que é vendido não é uma parte do corpo ou órgão, mas o serviço sexual combinado. Garotas de programa fazem o uso de seus corpos na realização dos serviços vendidos (PASINI, 2005; LE BRETON, 2006, 2016). O corpo da garota de programa é tido como o corpo aonde indivíduos em sua esmagadora maioria os homens podem realizar com prostitutas



## Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

aquilo que não se pode fazer com a esposa ou a mulher tida no imaginário masculino como mãe e cuidadora.

O corpo da garota de programa pertencente a ela e seu principal instrumento de trabalho experimenta antes de seu uso uma produção voltada para o trabalho na prostituição. Se o corpo é posse única e individual da garota, o mesmo já não pode ser dito sobre a produção corporal exercida. O corpo produzido pela cultura é moldado de acordo com o contexto temporal e cultural fazendo com que corpos produzam e reproduzam discursos (GOELLNER, 2004).

Entre as cinco entrevistadas era presente a busca por atributos tido como femininos na produção do corpo. Ao contrário de travestis e transexuais cujas alterações corporais visam afastar os atributos masculinos do corpo e substituí-los por femininos. Isso ocorre porque mulheres transexuais precisam provar constantemente sua feminilidade (BENEDETTI, 2005). A produção corporal das prostitutas entrevistadas apresenta motivações mercadológicas e de cuidado com o próprio corpo, ao contrário de prostitutas transexuais sua feminilidade não precisa ser continuamente aprovada.

A produção do corpo entre as garotas que trabalhavam em boates era mais acentuada. Rosa ressalta na entrevista o investimento financeiro que fez em seu corpo. A garota relata ter feito uma série de cirurgias na Venezuela, pois segundo ela “*lá o nosso dinheiro vale mais*”. Rosa afirma ter colocado silicone, lipoaspiração nas coxas e na cintura e o uso de tatuagens para esconder possíveis cicatrizes das cirurgias. Contudo, a necessidade ou vontade de fazer cirurgia plástica não é unânime entre as entrevistadas. Margarida e Violeta declararam não sentirem necessidade de fazer plástica.

Margarida declara que apenas consegue trabalhar se estiver bem montada e produzida, com meia calça, salto, pulseiras e colares, segundo a mesma ela só consegue trabalhar se tiver um vestuário “*bem filme pornô*”. Violeta relata que a intensidade da



## Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

produção de seu corpo depende do dia da semana. Em dias de pouco movimento ela ressalta não se arrumar, ou gastar muita maquiagem para o trabalho. A produção intensifica-se apenas nos últimos dias da semana. Entre Cravo e Crisântemo, garotas que trabalhavam durante o dia na rua a produção era diferente. O uso de perfumes parece ser ausente durante o dia. A dinâmica do programa é diferente; são programas mais rápidos aonde o cliente passa na rua antes de ir pra casa, sendo assim o cheiro de um perfume diferente poderia ocasionar algum problema conjugal. Ao invés do perfume investe-se no uso de protetor solar e hidratante corporal. Cravo, Crisântemo e Margarida declaram que a ingestão de bebida alcoólica se faz necessário. Margarida diz só conseguir seduzir os clientes se estiver ébria, enquanto Cravo ressalta que por vezes os clientes pagam para as garotas beberem com eles pela socialização. Cravo ressalta, que para virar uma “gata raiada” e ficar “acesa” para se divertir com os clientes quando trabalhou durante a noite, ela precisa se divertir.

## CONCLUSÃO

Distante de ser algo eventual, o investimento que garotas de programa fazem sob seu corpo imbrica-se dentro de uma lógica que busca maiores rendimentos com o trabalho na prostituição. Posto que mesmo as garotas que não efetuam produções complexas em seus corpos, é unanime que a principal motivação da investidura de tempo e dinheiro no cuidado e construção de seus corpos para a prostituição é o dinheiro. Na entrevista quando perguntadas sobre qual seria a principal motivação para terem se inserido na prostituição, todas ressaltaram o aspecto financeiro.

O corpo na modernidade é construído e incorpora traços culturais contraditórios entre si, quase que uma bricolagem individual que mescla traços do saber midiático, médico e de causalidades ocorridas no percurso da vida do indivíduo. Na prostituição o uso do corpo tem uma dimensão fortemente sexual e o exercício dessa sexualidade que



## Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

associada à “mulher da rua” não se assenta e nem comunga com o que é considerado normal, legítimo, o que pode ser publicizado ou apresentado em público como fazendo parte da família, todavia é desejada pelos homens como subversão e novidade diante da normalidade das relações conjugais, casamento, ou família. Trata-se de sexo mais prazeroso, apimentado, salgado, porem indigesto e problemático, sendo melhor evitar.

**PALAVRAS CHAVE:** Prostituição feminina. Antropologia do Corpo. Produção.

### REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Rossana Maria. Marinho. **Para além da tensão entre moral e economia: Reflexões sobre a regulamentação da prostituição no Brasil.** Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Maceió 2008.

BEAUD, Stephanie.; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos.** 2. Ed Vozes. Petrópolis, RJ, 2014. P 95 – 153

CONNELL, Raewyn. **Gênero: uma perspectiva global.** Tradução de Marília Moschkovich – São Paulo: nVersos, 2015

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: Anna Paula Uziel, Elaine Reis Brandão, Michel Bozon, Tania Salem, Maria Luiza Heiborn. (Org.). **Família e Sexualidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, v. 1, p. 29-38

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura In: **A interpretação das culturas.** 1 ed. Rio De Janeiro: LTC, 2008, p 25 - 4

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann – Petrópolis, Rio De Janeiro: Vozes 2006

\_\_\_\_\_. **Antropologia do Corpo e modernidade.** Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016



## Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, p 421 – 441; 2017b.

PASINI, Elisiane. Limites Simbólicos Corporais na prostituição feminina. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 14, p. 181-200, 2000.

\_\_\_\_\_. Sexo para quase Todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa. **Cadernos Pagu**, Campinas - São Paulo, v. 25, p. 185-216, 2005.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu** v. 25, p. 7-23, 2005.

\_\_\_\_\_. Exploração sexual, trabalho sexual: noções e limites. In: Daniele Andrade da Silva, Jimena de Garay Hernández, Aureliano Lopes da Silva Junior e Anna Paula Uziel; Org. **Feminilidades, corpos e sexualidade em debate**. 1ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, v. 1, p. 147-165.

\_\_\_\_\_. **Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 4. Editora Paz e Terra – São Paulo, 2014

SÁ FILHO, Bernardo Pereira. **Cartografias do prazer: Boemia e prostituição em Teresina**. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí. Centro de Ciências Humanas e Letras - CCHL. Teresina, 2006.